

Apresentação

FAROESTE CABOCLO

O LIVRO

Jorge Leite de Siqueira

Dedico este livro...

...a meus filhos:

Abel, Igor e Daniel

(...são meus filhos que tomam conta de mim...)

...a Renato Russo,

que muitas vezes parecia estar ao meu lado na criação das palavras.

(...é tão estranho, os bons morrem jovens...)

PRÓLOGO

João estava deitado em sua cama. Se é que se pode chamar de cama aqueles caixotes de tomate que ele havia pegado na sobra da feira...

Lembrava do seu passado, de como tudo havia começado... Olhava mais uma vez o repórter comentar sobre a loucura que estava para acontecer: um duelo! Como nos velhos tempos...

Quem teria avisado os repórteres sobre aquele episódio? Quem estaria tão interessado nesse fato?

Claro que ele sabia quem eram os interessados. Afinal, inimigos ele tinha de sobra. Tanto ele, quanto Jeremias. O tráfico fazia isso...

Como aquela mulher podia ter traído João? O que o Jeremias havia dado a ela que ele não poderia dar?

É claro que ele também conhecia os motivos... Tanto tempo longe, faltou atenção, carinho, reconhecimento de quem era Maria Lúcia.

No entanto, havia tanta coisa a conquistar que ele se esqueceu do seu grande amor, da sua outra metade.

Mas isso é outra história. Tudo estava marcado para aquele sábado. Às duas horas tudo seria decidido...

Sua cabeça rodava.

Ele havia cheirado cocaína mais uma vez e desta vez parece que o efeito estava multiplicado, tal a sua fúria.

A confusão em sua cabeça era maior. Tomou mais um pouco daquele conhaque. Precisava tirar o efeito da cocaína.

Nem percebeu quando desabava, caindo no colchão, desacordado...

CAPÍTULO 01 - O NASCIMENTO DE JOÃO DE SANTO CRISTO

João Fernando voltava mais uma vez da roça. Havia passado mais um dia capinando a terra, envolto em seu trabalho de limpeza da plantação de milho. O mato não podia crescer naqueles dias. A chuva havia caído há dois dias e ele não podia perder tempo, tinha que aproveitar a estiagem.

João Fernando estava cansado daquela luta. Todos os anos a sua batalha era igual. Trabalhava como um louco, procurando aproveitar as chuvas. Plantava tudo o que pudesse brotar e render boas colheitas naquelas suas terras. Eram uns poucos hectares, herdados de seu pai, e que mantinham o sustento da família. Sua família era composta apenas da mulher, grávida de seis meses e necessitando de repouso absoluto, por ser uma gravidez de risco. Com isso, todo o trabalho na roça havia sobrado para João Fernando.

Ontem, o prefeito veio visitá-lo. Homem bom. Queria vender dois garrotes para João Fernando, abaixo do preço que os outros vendiam no mercado.

O restinho do dinheiro que João Fernando tinha do ano anterior, resultado da venda do seu gado para o mesmo prefeito, dava justamente para comprar os dois garrotes.

A sua vaquinha, a que restou, estava dando leite de novo. O bezerrinho estava crescendo bem, já que havia fartura nesta época do ano. Com certeza iria aproveitar o ótimo preço que o prefeito estava pedindo nos dois garrotes e iria comprá-los.

O prefeito era muito bom mesmo, já que havia comprado os seis garrotes que ele tinha no ano anterior, naquela seca medonha. O prefeito comprou pela metade do preço, claro, porque estavam muito magros. Mas, se o prefeito não tivesse comprado, todos os animais estariam mortos.

O partido político da oposição vivia comentando que o prefeito havia mandado os garrotes para o Pará, aproveitando que havia alugado um pasto grande, onde não tinha seca. Diziam que ele aproveitava as três carretas que tinha para despachar para o Pará todos os garrotes, bois e vacas que comprava. E agora estava vendendo pelo dobro do preço, mas a oposição não sabia o que falava. Como podiam falar mal do prefeito? O prefeito era um anjo enviado do céu. Todo mundo sabia que se ele não comprasse os bois, eles iriam morrer. A seca não perdoava...

Com o dinheiro que ganhou da venda dos seis garrotes, conseguiu comprar ração para a vaca que restou. A mesma que estava prenha e deu cria a um lindo bezerrinho. Comprando os dois garrotes, ficaria com quatro. Dois a menos que no ano anterior, mas era melhor do que nada.

Se Deus ajudasse, a plantação daria lucro suficiente para poder comprar tudo de novo; se Deus ajudasse, poderia até comprar mais do que tinha; se Deus ajudasse, poderia até fazer estoque de feijão e milho, como havia feito há cinco

anos; se Deus ajudasse, não mandaria a seca de novo neste ano.

Mas Deus não ajudou.

A seca veio destruindo as plantações, secando os açudes, acabando com a esperança daqueles agricultores. Houve perda total. Perda das plantações, do gado e, principalmente, da esperança de João Fernando.

Ele teve que vender, desta vez, todos os animais. Não ficou nem mesmo com a vaca.

E justo agora que Joãozinho havia nascido. Antes da hora, aos sete meses, quando sua mãe quase morreu. Mas, graças a Deus, agora tudo estava estável. A saúde havia sido recuperada, e o menino, mesmo pequenino, passava bem. João Fernando não sabia o que fazer para alimentar o bebê e a família. Estava ficando cada dia mais difícil.

Mesmo com a ajuda que o maravilhoso prefeito estava dando a ele, através da Frente de Trabalho da qual participava, no valor de meio salário mínimo, e com a cesta de alimentos que o maravilhoso prefeito entregava todos os meses em seu comitê, ainda não dava para alimentar a família.

A oposição continuava falando que não era o prefeito quem dava aquelas coisas. Nem o dinheiro, nem a comida. Como não? Se tudo era entregue pelas mãos dos funcionários da prefeitura, com a presença do prefeito e tudo mais? O prefeito até fazia um discurso no seu carro de som antes da entrega dos produtos, falando como ajudava os necessitados.

A oposição continuava igual...

CAPÍTULO 02 - A MORTE DE JOÃO FERNANDO O PAI DE JOÃO

João estava com sete anos quando seu pai morreu. A sua mãe morrera há três anos e desde então o seu pai era outra pessoa. Começou a sair com diversas mulheres, a beber demais e a se envolver em confusões.

Havia sido preso por roubo. Falaram que ele tentou entrar em uma casa achando que não tinha ninguém, mas havia um homem dentro da casa, que chamou a polícia. João Fernando disse que não era isso. Ele estava bêbado e tentava pegar uma galinha no galinheiro daquela casa. Naquele pedaço da Bahia isso ainda era possível. A galinha seria cozida e servida entre uns amigos beberrões que estavam num bar, ali perto. João Fernando foi escolhido pela turma. Era um grande inútil quando bebia e todos se aproveitavam dele. Era um homem derrotado, sem moral, e viciado em bebida. Entregou-se completamente a um futuro miserável.

Depois do nascimento de Joãozinho tudo havia dado errado. A seca reduziu suas terras a umas poucas notas: teve que vendê-las ao prefeito, que não era tão bonzinho assim, como ele pensava. Agora concordava com a oposição: começou a ver o que o prefeito fazia. Apenas agora, quando não tinha mais nada nas mãos.

Não podia fazer nada, tudo estava acabado. O seu gado era agora do prefeito, que todo ano de seca os mandava para o Pará, para ficarem gordos, pesados, bons para serem vendidos a outros moradores da cidade.

A sua terra foi vendida para pagar o tratamento da esposa, que estava com uma doença que não tinha explicação. O curandeiro do bairro havia falado que não tinha como curá-la; os médicos do hospital disseram a mesma coisa. Falavam que era uma doença que ela pegou por ficar muito no sol, uma coisa ruim na pele. Uma doença com um nome esquisito, Melanoma. Primeiro apareceram manchas pelo corpo, umas manchas escuras. Depois as manchas viraram feridas escuras. Aí o médico disse que já não tinha mais o que fazer.

Mesmo assim ele vendeu a terra. O prefeito se prontificou a ajudá-lo, comprando a sua terra, por um preço abaixo do que valia, mas que era uma saída para ele, naqueles tempos de seca.

E sua mulher morreu mesmo depois que haviam ido morar na cidade, naquela saída de bairro, muito pobre, mas que ficava perto do hospital. Morreu cinco dias depois que foram para a cidade.

João Fernando não quis aceitar o fato, sempre criticando a tudo e a todos pelo que aconteceu: o curandeiro, por não curá-la, os médicos, que não deram nenhum remédio que sarasse aquelas feridas, o prefeito, por deixá-lo mais pobre do que era, e a Deus, que não tinha pena dele e nem das pessoas das quais gostava.

Joãozinho tinha quatro anos de idade. Como viver com um pai que não

conseguia nem mesmo sustentar a si próprio? O que fazer com Joãozinho? Ainda bem que a irmã de João Fernando tomou conta dele. Pelo menos, até o menino começar a aprontar.

Era um menino esperto, inteligente, mas que não gostava de escola. Adorava travessuras e vivia sempre aprontando.

Com seis anos já praticava malvadezas, não poupando as vidraças das escolas, as goiabeiras dos vizinhos e nem os gatos que ali apareciam.

Aprendeu um palavreado diferente de sua família. Família pobre, sofredora, como tantas outras da região, entregue a um futuro sem boas perspectivas.

Joãozinho, não. Joãozinho enfrentava os moleques maiores na pedrada. Sabia que se dependesse só de sua mão ele apanharia, mas na pedrada ele nivelava a briga. Os palavrões que outros meninos aprendiam com nove ou dez anos, ele já falava todos, aos sete.

E foi um palavrão a última coisa que ouviu da boca de seu pai, antes de morrer. Joãozinho estava no campinho, jogando futebol com outros moleques, quando viu a confusão. Um homem fugindo de um policial. Era o seu pai. O policial tinha um revólver na mão, João Fernando estava bêbado, mas não o bastante para impedi-lo de correr bem. Conseguia fugir daquele policial bastante gordo, completamente fora de forma.

Joãozinho não sabe por que o pai parou, pegou uma faca que sempre trazia consigo, em uma mão e se virou para o policial, que espumava de raiva. A impressão que Joãozinho teve foi a de que seu pai tinha desistido de tudo.

Enfrentou o policial como se quisesse morrer.

– Você vai atirar ou não vai, filho da puta? – gritou João Fernando.

E correu para cima do policial, que disparou uma vez apenas, quando João Fernando estava a alguns passos de distância. Covardia? Autodefesa? Cada um diz uma coisa, mas Joãozinho viu um suicídio.

A bala atingiu o coração de João Fernando. Um coração sofrido, que não merecia ter sido parado dessa forma, mas que talvez fosse o melhor. João Fernando havia perdido a esperança na vida, havia perdido a esperança em encontrar pessoas boas, que faziam o bem, sem egoísmos e interesses próprios. João Fernando chegou ao limite. Para ele, agora, era melhor morrer. E, depois que o tumulto se dispersou, depois que levaram o corpo de João Fernando, Joãozinho começou a ouvir as pessoas elogiando seu pai. Ele sabia que o povo iria falar bem agora, mas só o que ele lembrava era como o seu pai procurou a morte.

Porque ele humilhou aquele policial?

O que soube foi que, quando o policial ia entrando no bar em que João Fernando estava, ele colocou o pé na frente do policial, que tropeçou e caiu. Ainda no chão, o policial levou um chute de João Fernando, que o chamou de gordo, vagabundo. Mas, naquele lugar, ninguém levava desaforo para casa. Houve a perseguição e

a morte.

Joãozinho passou a ter orgulho do seu pai. Sempre em seus sonhos ele pensava no chute que o pai dera no policial.

E sentia orgulho de si mesmo por não ter chorado em nenhum momento do enterro de seu pai.

CAPÍTULO 03 - A INFÂNCIA DE SANTO CRISTO

João andava por uma rua de terra, dessas feitas por carroças de boi. Era uma estrada que ligava Boa Vista, sua cidade natal, a Serra Preta. Boa Vista era uma cidade pequena, com casinhas mal feitas, pobres. Serra Preta era bem maior, ficava a 36 quilômetros de distância e crescia muito mais que Boa Vista já que centralizava o mercado financeiro da região. Todas as cidades dos arredores tinham um comércio inferior ao de Serra Preta.

João ia tranqüilo quando Maurício pulou em sua frente. Maurício era um moleque da outra rua, de uma turma rival à de João. Ele sabia que precisava tomar cuidado com o Maurício, pois era invejoso e não aceitava que João pudesse fazer mais sucesso que ele.

– Agora vamos acertar nossas contas – disse Maurício.

Pularam mais dois moleques ao lado de Maurício.

– Pois é, neguinho, chegou a sua vez.

Encararam-se, cada um prevendo o próximo movimento do oponente. Deviam ter muito cuidado, sabiam que qualquer vacilo seria fatal.

João sabia que estava em desvantagem, pois, além de o Maurício ser maior que ele, estava acompanhado por dois moleques, maiores também. O primeiro soco de Maurício acertou o ombro de João, que se desequilibrou e deu dois passos para trás.

– Olha, Maurício, acho melhor você me deixar em paz. Você sabe que se fizer qualquer coisa comigo, depois eu e minha turma vamos pegar vocês. Vocês estarão ferrados!

João arriscou. Sabia que não ia adiantar nada, mas precisava ganhar tempo para pensar em como fugir. Sim, a saída era fugir. Precisava perder essa batalha. De nada valia ser valente naquele momento.

Os três moleques já estavam rodeando João quando uma pedra acertou violentamente no braço de Maurício. Surgia Zé Luiz, o melhor amigo de João. Nunca fazia nada sem João presente. Tinha dez anos, um a mais que João, mas, em se tratando de malvadeza os dois eram iguais.

A pedrada acertou Maurício, que, assustado, virou-se para Zé Luiz, esquecendo-se por um momento de João. Foi o que João queria: deu um chute na barriga de Maurício e correu.

– Corre, Zé. Vamos dar o fora! – gritou João.

Saíram em desabalada carreira pela estradinha sem olhar para trás. Os dois moleques correram atrás deles, mas quando viram Maurício caído com as mãos na barriga, pararam e voltaram para socorrer o amigo.

João ainda corria, quando apontou para o caminho da casa abandonada. Zé Luiz o seguiu.

– Ah, ah, ah... – ria Zé Luiz. – Você viu só como ele ficou gemendo no chão?

- Ah, ah, ah... Ele nunca vai esquecer esse dia... - disse João.
- Você o acertou direitinho. Que chute!
- Eu estava com muita raiva. Esse cara vem me perseguindo há muito tempo. Logo hoje me pegou desprevenido, sem nada nas mãos.
- Você não pode andar sozinho por aí. Quando vier por essas bandas você me chama.

Aquilo era a afirmação de uma amizade sincera, verdadeira, baseada em fortes sentimentos, e ninguém duvidava que um morreria pelo outro, se fosse necessário.

Mas também era uma amizade ruim, afinal eram dois moleques de rua que não tiveram uma boa educação.

Zé Luiz foi abandonado por sua mãe quando ainda era bebezinho, em um orfanato da cidade. Sempre seguiu as maldades que os maiores faziam. Nas bagunças virara líder.

Aos sete anos fugiu e vivia se escondendo por aí. A princípio, o pessoal do orfanato o procurava e o levava de volta, mas como vivia fugindo, os funcionários do orfanato foram se cansando e deixaram de ir atrás dele. Estavam esgotados com os problemas causados por Zé Luiz.

E o mundo ganhou mais um menino de rua.

Era negro, assim como João. E sofria com o preconceito da sociedade de Boa Vista. Pedia coisas para comer, ou dinheiro, mas percebeu que era muito difícil ganhar as coisas. As pessoas se fechavam para ele, não davam nada, muito menos carinho ou compreensão. Sentia uma dor enorme quando pedia um prato de comida, tendo fome, e recebia um “não” como resposta.

Com isso, aprendeu a roubar. A princípio, começou a roubar comida, depois, passou a pegar brinquedos, roupas e outras coisas.

João conheceu Zé Luiz depois do enterro de seu pai. João foi levado para a casa de sua tia, mas na primeira chance ele fugiu. Não queria curtir aquele sentimento de perda ao lado daquelas velhas choronas. Foi para a beira do rio. Na beira do rio estava Zé Luiz, num daqueles dias de depressão, causados pela solidão. Era tempo das chuvas, o rio estava cheio e aquele cantinho era bastante silencioso.

João sentou-se numa pedra e só então percebeu aquele moleque em outra pedra. Ia se levantar para ir embora, mas resolveu ficar. Percebeu que o outro moleque também não se mexeu. Parecia estar chorando.

Zé Luiz disfarçou as lágrimas, mexeu nos olhos como se estivesse tirando um cisco.

– O que aconteceu? – perguntou João.

Zé Luiz não respondeu. Não sabia quem era aquele moleque. Por que deveria falar com ele?

Mas falou:

– Nada. Quem é você?

– João.

– E o que você está fazendo aqui, no meu rio?

– Seu rio? Eu não sabia que o rio tinha dono... O seu pai é dono dessa terra? – perguntou João.

– Não é do meu pai. É minha! É meu rio!

João admirou-se daquele menino, mal vestido, sujo e dono daquilo tudo.

– Posso ficar aqui um pouco? – pediu João.

O Zé Luiz pensou, fingiu que estava verificando o seu arquivo mental se podia deixar ou não. Afinal:

– Pode, mas só hoje... – demorou um pouco e falou: – Meu nome é Zé Luiz...

– Zé Luiz? Já ouvi falar de você. Você não é do orfanato?

– Era. Agora não volto mais para lá.

– Eu não gostaria de morar num orfanato. Dizem que os caras, lá, são muito ruins. Dizem que batem na gente...

– É muito ruim mesmo. Mas comigo, não. Eu mandava em todo mundo lá – vangloriou-se Zé Luiz.

E começou a falar o que fazia com os outros meninos, com as meninas e tudo o que acontecia de ruim. Falou de coisas que aconteceram e inventou uma série de outras que queria ter feito, mas não fez, mas ninguém poderia desmenti-lo.

– Ah, desse jeito até me deu vontade de ir morar num orfanato – disse João, em sua ingenuidade de sete anos. Tão homem, tão menino.

– Você não tem família? – perguntou Zé Luiz.

– Minha mãe morreu faz tempo, meu pai morreu ontem e foi enterrado hoje. Eu não morava com ele. Ele bebia muito e ficava jogado pelas calçadas. Eu aprendi a morar nas ruas porque não gostava de morar com a minha tia. E você? Mora onde?

– Eu moro na rua, eu não tenho ninguém. Eu moro em qualquer lugar.

E daí surgiu uma grande amizade. A amizade dos meninos de rua. Alguns dias depois começaram a se encontrar mais vezes e a aprontar cada vez mais.

Se João aprontava alguma coisa, Zé Luiz queria fazer pior. Se João quebrasse uma vidraça, Zé Luiz queria quebrar duas.

O tempo passou, a amizade cresceu. Transformaram-se em irmãos.

– Eu já sei o que vou ser quando crescer – disse João.

João já tinha onze anos e estava se tornando um belo rapaz. Era alto, com um corpo forte, musculoso, ajudado pelas brincadeiras nas árvores, a natação no rio.

– E o que você vai ser? – perguntou Zé Luiz.

Estavam mais uma vez na beira do rio. Mas, desta vez, era um ano de seca, e o rio estava seco. Havia só o leito do rio.

– Vou ser bandido.

- Bandido não é profissão...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

